

Como Reatar os Nós do Eu?

*Jerônimo Botelho dos Campos**

Primeiro ato — Cordão umbilical

Um grito estridente — estamos no mundo. Nossos olhos não podem ver a sala branca que nos cerca, tampouco os senhores que cortam nosso primeiro cordão. Tão pequenos e indefesos. O que podemos lembrar desse dia? O ar que rasga o nariz deve parecer uma violência sem igual para quem estava acostumado a um leito confortável. Um bebê não pode querer outra coisa senão retornar ao útero e, de novo, confundir-se com esse ser que já lhe é tão familiar — essa é a maior neurose humana descrita pelo grande autor de nosso século, talvez por isso ele faça seus pacientes se deitarem no móvel mais ocioso que conheço: belos tempos esses em que um simples divã faz as vezes de mãe. Será então que passaremos nossa vida inteira tentando nos reencontrar com essa paz inicial? É o calor materno a causa de todos os traumas e infelicidades pelos quais passamos e vamos passar? Permitam-me apenas mais uma pergunta: Terei eu de transferir a culpa de minhas desgraças a uma pobre jovem que, sem saber ao certo o que fazia, desfrutou de um momento de prazer?

* Jerônimo Botelho dos Campos nasceu em Franca (interior paulista). Formou-se em Direito, mas jamais exerceu a profissão, dedicando-se ao cultivo de café. Eventualmente escrevia ensaios e críticas para um periódico francano, de nome *A Bomba*. *Como Reatar os Nós do Eu?* foi publicado nesse jornal em 7 de agosto de 1947. Em uma carta enviada a seu primo em 7 de fevereiro de 1947, época em que escrevia o texto que agora publicamos, Botelho dos Campos diz: "Se para toda pergunta, como nos dizia nosso velho professor do Grupo Escolar, há uma resposta, então *Como Reatar os Nós do Eu?* não é uma pergunta. Quem quer que leia esse meu escrito esquizofrênico, terá de levar isso em conta — como fechar algo que permanece vivo e em movimento?"

Não é a sua mãe, você dirá, mas "a figura materna". Nosso sangue latino nos mostra que não é algo lá muito recomendável ficar falando de mães, sobretudo das nossas. Portanto, falemos de sangue. Esse líquido vermelho que nos dá vida está, em nossos primeiros dias, tão ligado ao de nossa mãe, que não somos quase outra coisa senão ela. Nesse "quase" mora a questão. Separados fisicamente do útero, temos de encarar a dura realidade – somos algo. Não pensem vocês que a pobre criancinha perde suas noites de sono, entre uma mamadeira e outra, refletindo sobre tais assuntos. Ela simplesmente vive isso. Para aqueles que não compreendem o que digo, no modo em que digo, sugiro que parem de ler nesse instante – o que vem por aí lhes será mais incompreensível. Um célebre filósofo nos adverte de que devemos praticar uma conversa interna, um diálogo conosco, capaz de mostrar para nós mesmos o que somos. Desculpe-me se utilizo à exaustão termos como "nós", "nos" e "conosco", mas desconheço outros em "nossa" língua capazes de expressar essa relação. Pois bem, seria estúpido imaginar um recém-nascido às voltas com um grande monólogo, no entanto já podemos notar em seu comportamento uma disposição para tanto.

Darei um exemplo. Tive a oportunidade de visitar um amigo cujo filho teve a grande sorte de ser pai de uma linda garotinha: uma verdadeira dádiva. Ela já tinha dois meses quando fui jantar em sua casa. Enquanto jantávamos, começou a chorar. Da sala de jantar podíamos ouvir seu choro que tomava conta de toda a casa. Como seus pais estavam tranqüilos e inertes e os empregados não iam ao seu auxílio, ela foi, pouco a pouco, baixando a intensidade de seus gritinhos, até se transformarem em um silêncio absoluto. Seu pranto durou dez, quinze minutos no máximo, nos quais fiquei totalmente aflito, esperando que sua mãe, sentada ao meu lado, fosse acudir sua cria. Percebendo minha aflição, ela simplesmente sorriu e disse – "É manha". "Como pode saber?", perguntei. "Conheço minha filha, ela só estava querendo chamar a atenção". "Existe então uma diferença entre os choros?", perguntei. "Mas é claro", respondeu-me a jovem mãe. Ouvi dizer que os povos de lugares muito frios, onde o sol raras vezes dá o ar de sua graça, têm várias palavras para designar o que nós chamamos simplesmente de neve ou de gelo. Assim é o caso do choro. Se no lugar de se trancarem em seus gabinetes, os doutos dessem mais atenção ao que se passa nas áreas mais íntimas de sua própria casa, talvez já houvesse alguns bons ensaios ou tratados sobre o assunto.

Passei então a me interessar pelo tema, e depois de muitas entrevistas com várias mães de todas as idades, inclusive a minha, constatei que essa linguagem dos bebês é, de fato, uma verdade incontestável. Essas dóceis criaturinhas possuem um modo de entrar em contato com aqueles que se ocupam em tratá-los, pois pude comprovar que também as babás, bem como os pais, quando se fazem presentes, conhecem a língua de seus pimpolhos. Não é exclusividade materna o domínio dessa gramática peculiar.

Pouco importa quem seja, você dirá, pai ou babá estão representando a "figura da mãe". Deixemos que o nosso célebre autor austríaco se ocupe em saber quem representa esse ou aquele papel nesse teatro, a nós basta saber que se trata de um teatro e que, portanto, exige algum tipo de diálogo ou fala. Quem quiser ver sua vida através de uma tragédia, tendo de matar o próprio pai e dormir com a mãe, que o faça – há quem prefira o caminho da comédia.

Voltemos ao nosso assunto. A criança, pelo menos ao nascer (pouco se pode dizer dos fetos), desenvolve algum tipo de comunicação. Por certo, não se trata de coisa elaborada ou, para usar um termo em voga, consciente, mas, de todo modo, exige um trabalho de aperfeiçoamento em lidar com as situações em que se encontram e com os interlocutores que se apresentam. Pude notar que o "choro de fome" é um grunhido contínuo, o rosto da criança assume uma coloração avermelhada e, normalmente, não se movimenta muito. O "choro de doença" é caracterizado por gritos abafados e ininterruptos, a face pode se tornar amarelada ou arroxada, dependendo do mal que a aflige. O "choro de manha" sempre traz interrupções. O fedelho passa por momentos em que grita de modo ensurdecedor e, de repente, libera alguns risinhos que desmascaram sua estratégia. Nessa situação, seu rosto está tão corado quanto o de qualquer outro bebê saudável, ele se movimenta com facilidade e, geralmente, mexe as perninhas e bracinhos, pode-se com facilidade notar o tom de cólera e descontentamento desses chutes e socos. Esse é, de todos, o choro mais humano. Nele, a criança visa satisfazer sua vontade, e é a partir dele que aprende a manipular os que estão a sua volta. As mais mimadas insistem mais no "choro manhoso". Claro está, percebendo a moleza de sua mãe ou babá, elas usam e abusam. Na primeira vez choram um pouco e vendo que a mãe vem rapidamente em seu socorro, farão isso de novo todas as vezes que se sentirem sozinhas ou entediadas. Há nesse processo o que poderíamos chamar de um "estudo" feito pela criança – ela vai aprimorando o modo de usar seu choro de acordo com as condições que o meio em que vive lhe oferece. Mas não pensem que nossos filhos se tornam monstros egoístas apenas porque se utilizam desse meio. Todos nós, embora já não possamos mais chorar em público, arranjamos um jeito de continuar sendo manhosos. A minha leitora, se for mãe ou conhecer de perto o comportamento de uma criança, sabe muito bem que não há nada mais comum no mundo do que essa prática.

Com oito ou nove meses, a criança começa a soltar as primeiras palavras – "mamãe" costuma ser uma das primeiras, mas em tantos outros casos também podemos observar o uso constante de palavras que designam um objeto ou comida que elas preferem, tais como "bola", "soldadinho", "mingau", "sopinha" etc. Suas palavras ilustram o mundo em que vivem e as necessidades que encontram. Certa vez, estando eu no campo, vi uma criança, filha de camponeses que trabalhavam o dia

todo na lavoura, com um vocabulário bastante peculiar. Ela tinha quase um ano e ficava em casa com um irmão mais velho. Esse irmão, de cinco anos no máximo, tinha a obrigação de não apenas cuidar do menor, mas também de alimentá-lo e manter a casa limpa. Desse modo, o bebê praticamente só conhecia palavras como "vassoura", "balde", "esfregão" etc. A vida difícil endurece o vocabulário. Assim, podemos concluir que desde pequenos estamos completamente tomados pelo universo que nos cerca. Não somos nada além desse mundo: os irmãos, a mãe, o pai, o avô e a avó, os vizinhos. Pergunte a uma criança os nomes que ela conhece e ela lhe dará os das pessoas que convivem com ela. Há o caso daqueles que escutam historinhas antes de dormir, essas também conhecem nomes de fadas e duendes – Peter Pan e coisas do gênero.

Vamos crescendo e o mundo que não era maior do que a rua onde moramos, começa a se transformar. A igreja, a escola e, no caso de algumas crianças, o trabalho, fazem com que nosso vocabulário cresça. Tudo se passa tranquilamente e não se pode esperar que fôssemos começar a refletir sobre o rumo de nossas transformações. A infância é geralmente descrita como um período de descobertas, onde tudo parece muito grande e as cores extremamente fortes. Simples detalhes, como, por exemplo, peixinhos dourados que uma vez vimos em uma feira, são suficientes para causar uma forte impressão. Não é de admirar que homens já velhos, sempre esquecendo o nome de seus netos e onde deixaram seus cachimbos ou chinelos, jamais esquecem fatos corriqueiros que lhes aconteceram quando eram muito jovens. Pensem em um homem que viaja de trem. Ele se senta na janela e começa a divagar sobre os problemas de sua vida, a paisagem que vê apenas serve de pano de fundo para os seus pensamentos. Quando, enfim, chega ao seu destino, ele não pode ter certeza do que viu. Apenas a visão de uma casa, uma montanha, a linha do horizonte, o pôr-do-sol – impressões dispersas, sob as quais não há como estabelecer uma conexão. Onde ficava aquela casa? Teria ele realmente visto aquela montanha, ou era algo proveniente de suas divagações? Penso que na infância somos como esse homem. O mundo passa a nossa volta e nós não perdemos tempo estabelecendo vínculos ou conexões entre as coisas que vemos. Que importa para uma criança saber que aquela casa vermelha, que tanto lhe chamou a atenção, fica na altura x da estrada y? Essa mesma despreocupação também se reflete no modo despretenso com que elas usam a língua. É muito mais fácil para uma criança aprender um novo idioma justamente porque, penso eu, ela vai falando, sem medo de estar cometendo erros gramaticais e, sobretudo, porque está muito mais interessada em se fazer compreender (utilizando gestos, gritos ou qualquer outro meio disponível), do que parecer algo que não é. Ela parece viver de modo mais interno que externo, embora seu ambiente esteja povoado de figuras exteriores, mas essa tranquilidade irá acabar.

Segundo ato — Laços amorosos

O pescoço está maior que a cabeça, as pernas três vezes maiores que o resto do corpo, os pés, então, crescem em uma velocidade assustadora — eis a puberdade. Nessa idade, estamos em um constante verão, cheio de mosquitos e mariposas que não param de nos atormentar. Os líquidos inflamam e parece que há um incêndio dentro de nós. Não é preciso ser um especialista no assunto para saber que as meninas sofrem mais nesse período. Há quem diga que os fatos sobrenaturais, que geram as lendas de casas mal-assombradas, não passam do efeito da repressão de um pai castrador em cima de sua jovem filha. Nada é mais perigoso, disse um sábio filósofo, do que trancar mulheres — é de domínio público o número de religiosas que vão à loucura nos mosteiros. Porém, esse vulcão apenas aguarda o momento ideal para direcionar suas lavas. Permitam-me que eu narre uma história verídica.

Eu havia dito que a puberdade é um período mais difícil para as meninas e ainda tenho bons motivos para continuar pensando assim, sobretudo quando levamos em conta a velocidade com que a natureza faz de uma simples garotinha uma verdadeira mulher. Constantemente vemos as jovens nessa idade perdidas com problemas referentes a essas transformações. Mas o que é dificuldade para as meninas se torna problema para os meninos. Isso dito, vamos à história acima mencionada.

Quando eu tinha doze anos conheci um rapazinho, da mesma idade, que havia se apaixonado perdidamente por uma garota. Quantos anos ela teria? Talvez tivesse apagado a vela de seu décimo segundo bolo de aniversário: ela não era mais velha do que ele. No entanto, quando olhávamos para os dois era impossível não notar uma desproporção brutal — ele era, no mínimo, dez centímetros mais baixo que ela, sua cara, seus hábitos e sua maneira de ver as coisas ainda guardava muito da infância recém-terminada, enquanto a jovem era uma moça: suas tranças, vestidos e modo de caminhar já haviam conquistado admiradores de todas as idades. Não preciso dizer mais nada: tratava-se de um amor impossível. A bela menina nem sequer percebia a existência do pobre amante. Ele foi ficando desesperado e a única causa de seu desespero era o fato de não conseguir fazer nada para aliviar suas aflições. Certa vez no refeitório do colégio, esqueci de dizer que estudávamos juntos, percebi sua tristeza. Tomado por uma compaixão que até então desconhecia, fui levado a me sentar ao seu lado e fazer o máximo para que ele falasse a respeito. Não foi preciso nem um décimo do esforço que eu tinha estabelecido como máximo, para que ele começasse a falar. Não foi preciso nem dez minutos escutando suas lamentações, para que eu também estivesse apaixonado pela mesma garota. Foi, literalmente, uma compaixão.

Tivemos alguns momentos de amizade que em pouco tempo se transformaram em uma competição digna das Olimpíadas. Tudo era permitido para chamar a atenção de

nossa adorada musa. Ridículos olhares na confeitaria, maçãs do amor e bilhetes anônimos que mandávamos sem parar. Tudo isso só parecia fazer crescer o desprezo que ela tinha por nós. Como meu adversário era "versado na arte dos versos", expressão que ele mesmo utilizava para me humilhar e destacar a minha total ignorância nesse âmbito, começou a escrever um poema. Fiquei sabendo de sua grande idéia e logo percebi que ali se escondia uma nova estratégia, um engenhoso meio de se fazer notado pela garota dos nossos sonhos. Fiquei arrasado, diante de um bom poema nenhuma mulher poderia deixar de se apaixonar, pelo menos era isso o que diziam os livros e as aulas de literatura. Eu pensava em Byron, em Castro Alves e tantos outros que foram capazes de conseguir enganar as pobres meninas com suas doces palavras. "Enganar", vocês leram muito bem o que escrevi acima, pois naquele instante poesia não era, para mim, outra coisa a não ser enganação. Amaldiçoei todos os poetas cujos nomes me vieram à cabeça e lamentei o fato de não ser um deles. Via o meu colega passar com alguns livros debaixo do braço e já imaginava que estava prestes a terminar sua grande obra. Tentei então escrever o meu próprio poema, mas me saí tão mal que nem gosto de lembrar dessa ocasião. Por fim, fui tomado por um furor incontrolável, tornei-me um vilão e arquitetei o meu plano diabólico.

Eu sabia que meu jovem adversário vinha escrevendo vários rascunhos em um caderno de capa de couro preto. A simples lembrança desse caderno era capaz de me deixar maluco. Em uma aula de ginástica, quando todos estavam se exercitando na quadra de esportes, pedi licença ao professor para ir ao banheiro. Fui, na verdade, para a classe de aula e lá encontrei o dito caderno. Como esquecer o que tinha nele:

*Doce, minha linda doce,
És tudo que meus lábios querem...*

Nesse ponto a escrita era interrompida por um grande risco que dava início a um número incontável de outros tantos riscos que formavam um grande borrão. Virei a página:

*Doce, minha linda doce,
Sonho com o dia em que teus lindos lábios,
Ah! Os teus lábios,
Venham se unir aos meus...*

Mais uma vez os riscos. Fui para a terceira página:

*Doce, minha linda doce,
É chegado o momento em que meus lábios e os teus,
Ah! Os teus lábios,
Irão se unir,
Pois, entenda que o meu amor...*

Vocês já sabem o vinha depois do último verso. A quarta, a quinta, e todas as outras páginas estavam em branco. Eu havia pensado em pegar aquele caderno e deixá-lo em cima da mesa do professor. Estava certo de que todos os outros alunos o reconheceriam, mas ninguém diria de quem era, muito menos o seu dono que, completamente envergonhado, estaria a ponto de ter um ataque de nervos. O professor ficaria perguntando pelo dono do caderno, passaria então a folheá-lo na esperança de encontrar um nome e descobriria o poema. Os outros alunos segurariam seu riso e eu ostentaria minha vitória. O que há de errado em escrever um poema de amor? Por que o garoto simplesmente não admitia que o caderno era dele? Ora, minha cara leitora, a senhora já teve doze anos e sabe o quanto os assuntos do coração são difíceis nessa idade. Especialmente no meu caso e no do meu adversário, éramos dois meninos, ainda cheirando a leite, apaixonados por uma mulher, ou "quase mulher". Tínhamos vergonha de admitir para nós mesmos que estávamos apaixonados, o que dizer então dos outros? Essa era a razão pela qual só mandávamos bilhetes anônimos e jamais nos declarávamos. Quantos homens crescidos não experimentam a mesma sensação?

Pois bem, percebi que aquele poema nunca chegaria ao fim e, mesmo que chegasse, talvez o autor jamais encontrasse coragem suficiente para remetê-lo ao seu destinatário. Deixei o caderno no lugar onde eu o havia encontrado e voltei para a aula de ginástica. Poucos dias depois ficamos sabendo que a "nossa menina" estava de namoricos com um rapaz muito mais velho – na verdade ele só tinha dezesseis anos, mas para nós era um gigante. Quantas lamentações, quanto choro, raiva e tentativas de vinganças. Já é de supor que, a exemplo de nossa conduta anterior, não fizemos absolutamente nada. Voltamos a ser bons amigos e mesmo hoje nos lembramos com graça dessa história.

Trata-se, dirão os senhores acerca dessa minha experiência, de um caso bastante juvenil, típico daqueles momentos em que sentimos em nós o florescer da vida. Com certeza, mas e se eu dissesse que eles se repetem ao longo da vida adulta? Claro está, um adulto não é tão ingênuo, já conhece melhor os caminhos e alamedas do coração, mas isso é suficiente para lhe resguardar de situações ridículas que o fazem esquecer de suas responsabilidades e agir como um garoto? Quem está no mundo sabe a resposta.

Lembro-me do caso de um rapaz de trinta e poucos anos, muito inteligente e sociável, que andava de namoricos com uma bela senhora casada com um rico fazendeiro. Por razões que realmente desconheço, mas que não seriam difíceis de imaginar, ela resolveu dar um basta na relação. Ele tentou de tudo – cartas, presentes, poemas. Ela parecia não mais reconhecê-lo. O jovem ficou completamente fora de si, se trancou no quarto do hotel em que morava e lá ficou até que seus colegas, sentindo sua falta, o encontraram. Estava sentado em uma cadeira em frente à janela, não respondia a nada, não liberava um mínimo som. Seu aspecto era horrível, havia perdido muitos quilos, a barba havia tomado seu rosto e o odor de seu corpo dominava todo o andar do hotel. Estava completamente distante de tudo que o cercava, seus olhos pareciam contemplar algo que não estava na vista de sua janela. Ficou assim durante duas semanas, aceitando à força míseras colheres de sopa de ervilhas que os colegas enfiavam em sua boca. E então, em um belo dia de sol, levantou-se e sem dizer uma única palavra a respeito do ocorrido continuou sua vida normal. Os colegas acharam de bom tom não tocar no assunto e o fato foi, ao menos aparentemente, esquecido.

Apenas para confirmar a tese de que acontecimentos como esse são absolutamente normais, e não coisas de loucos varridos, eu gostaria de dizer que esse rapaz se tornou um grande literato, amigo de filósofos e diretor de uma revista muito famosa. Nesses momentos de paixão estamos tão perdidos na contemplação de um ser que em muito nos supera, que já não temos o mínimo tempo para nós mesmos. Penso que quando a paixão atinge um grau como esse, ela estabelece em nós uma total quebra interior: vemos na mulher amada algo inatingível, que nos sufoca e nos põe diante de uma impossibilidade que, por sua vez, revela uma grande impotência. Ela já não é mais uma mulher: é símbolo de nossa limitação. Não há mais o que dizer, nossa boca se cala e não podemos mais nos comunicar com o mundo à nossa volta. É claro que esse é um caso radical, mas apenas difere em grau, e não qualitativamente, de todos os casos de paixão. Foi exatamente isso o que ocorreu comigo e com o meu companheiro de colégio. Há quem difira amor, como o bom relacionamento entre sexos opostos, de paixão. Pois bem, falo de paixão: algo que, se não é manifesto em todos os homens, é, entretanto, dado em potência.

Ah! Eu gostaria de fazer uma ligeira observação – a leitora mais desatenta deve estar pensando que tenho uma imagem muito ruim das mulheres. Afinal, apenas dei exemplos em que homens se apaixonam e em que o belo sexo surge como vilão. Cara senhora... são apenas exemplos, lembre-se de que sou homem e que tenho por natureza o hábito de me identificar com aqueles que possuem o mesmo sexo. Porém, isso não a impede de pensar em seus próprios exemplos – eu bem conheço o número de crápulas e Casanovas que andam por aí.

Voltemos agora ao nosso assunto: o que podemos retirar disso? Pense que a paixão, que atinge seu ápice no amor descontrolado por outra pessoa, também pode ser vista positivamente. O contentamento que experimentamos ao encontrar os bons amigos, os jogos e comércio sociais, por fim – o que, sem demagogia, poderíamos chamar de alegria de viver, também guarda sua parcela de paixão. O caso é que na juventude, época em que começamos a tomar contato direto com esse mundo, tudo se faz sob a roupagem da descoberta. É pura experiência, normalmente carregada de exageros provenientes do desconhecimento. O jovem é a mais exata figura das paixões. Mesmo os mais mórbidos, aqueles que passam os dias escrevendo sobre a própria morte, querem, no fundo, viver. O gosto pela eternidade é tão grande que nenhum perigo parece ameaçar a felicidade que os céus lhes guardaram. Noites de inquietação, dias de sofreguidão – a louca paixão procura por algo que não conseguirá achar. Desorganizado, o apaixonado não pode estar junto de si. Tudo o que sai de sua boca é um balbuciar sem controle, que por vezes traz a marca de um gênio insaciável. Leiam os jovens poetas, sintam sua perturbação e saberão do que estou falando. A inconsciência harmônica e tranqüila da infância dá lugar ao delírio. Gritos, fortes risadas, choros e aquela louca vontade de comer chocolates – o jovem é um autêntico manhoso. Mas o próprio desenvolvimento físico, assim como o mental, vão, aos poucos, amenizando todo esse calor.

Terceiro ato — Da importância de um fio condutor

Ahhhhhh! O tempo! Quem pode escapar do tempo? Penso nele como uma esponja que vai aos poucos sugando o que vê pela frente, ou como uma ameba se alimentando, ou simplesmente como um processo de osmose. Eu explico. Certa vez quando eu estava viajando a negócios... Como? Mais um exemplo de sua vida particular? – você se perguntará. Meu bom leitor, se você pretende ter alguns momentos de alegria, aceite um simples conselho desse pobre homem que agora lhe escreve: ilustre sua vida com os seus próprios exemplos e faça de você mesmo a sua história, leve tudo isso ao fogo, deixe borbulhar e, então, acrescente algumas pitadas das melhores mentiras que lhe vierem à cabeça. Só conheço uma coisa melhor que isso e penso que o senhor, já nessa altura da vida, também a conheça, o que me deixa livre de entrar em detalhes. Pois bem, certa vez quando eu estava em Praga, viajando a negócios, tive uma experiência bastante singular, para não dizer particular. Eu estava sozinho e depois do jantar pensei em dar uma caminhada, que não só me distrairia, como também ajudaria na digestão. Fui em busca do velho, e famoso, cemitério judeu, mas acabei por me perder em um daqueles becos da cidade antiga. Quem já foi ou ouviu falar da capital tcheca, sabe que ela é um grande labirinto. Fui ficando desesperado ao

perceber que passava freqüentemente pelos mesmos lugares. Eu tentava um outro caminho, mudava as direções e, no entanto, sempre retornava ao mesmo lugar. Começou a nevar, ninguém, além de algumas poucas prostitutas, nas ruas. Foi então que me aconteceu – ao olhar para um estranho e velho edifício, vi a minha cidade natal. Não, não era uma simples recordação, ou algo que me fazia pensar nos tempos de infância – era a minha cidade. De repente passou a ser a minha vida – toda ela estava ali, bem na minha frente. Fui invadido por uma multidão de imagens e de sensações que quase me levaram à loucura. Digo mais uma vez: não eram recordações, eram, de fato, sentimentos ligados à minha vida, mas estavam vivos – aconteciam ali, naquele momento. Aquele velho prédio não deixava de ser o que era, porém sustentava, agora, todos os lugares por onde passei. Ouvi dizer que há muito absinto e cerveja em Praga, você pensará. E realmente há, mas garanto que estava mais sóbrio do que no dia do meu nascimento, aliás esse dia também estava lá – naquele edifício de dois andares, com colunas em forma de arco em sua base. Só me restabeleci quando percebi que as fortes gargalhadas das prostitutas eram dirigidas a mim: realmente não é coisa lá muito normal ver alguém abraçado a uma coluna de um prédio velho. Saí de lá com a seguinte convicção: ver o tempo como uma sucessão de momentos encadeados é, no máximo, apenas um modo de compreendê-lo. E não precisamos de nossa física contemporânea para chegar a essa conclusão – deixemos que os gênios de nosso século encontrem meios de provar o que todo homem pode experimentar. Estou certo de que existem portas mágicas que ligam diferentes épocas e lugares, que nos apontam para a totalidade do tempo. Aquela estranha sensação de *déjà vu* que muitas vezes vivenciamos, não é, para mim, outra coisa senão o sinal desse todo. Não me estranha que essa compreensão do tempo tenha me ocorrido em Praga, ele também caminha por labirintos, nos pondo várias vezes no mesmo lugar. Ele é mais confusão, do que sucessão. E o confuso, senhores, é aquilo no qual já estamos, desde sempre, embrenhados. Eis a osmose da qual eu lhes falava e é a ela que devemos ir quando estivermos dispostos a pensar em nossa vida.

Um aparente paradoxo nos aguarda: é em um momento específico da vida que podemos ter consciência da unidade de toda a nossa existência – em um instante percebemos que os instantes são pedaços de um todo. Nada é mais simples do que pensar que toda parte é "parte de um todo". No entanto, o modo com que normalmente entendemos as fragmentações, as divisões e as distinções, nos impede de estabelecer o contato entre as partes que estão sendo fragmentadas, divididas ou diferenciadas. Nada é mais simples, para repetir uma expressão já usada, do que perceber que coisas que estão sendo diferenciadas têm de guardar algum grau de semelhança capaz de possibilitar a própria distinção. Sem um meio termo, comum às duas coisas em questão, não há como estabelecer um vínculo de comparação entre

elas – não dá para dizer que são diferentes. Do mesmo modo, não podemos dizer que coisas são semelhantes se não levarmos em conta a sua diferença, do contrário elas seriam, para nós que as julgamos, a mesma e única coisa. Mais uma vez – nada é mais simples do que isso, mas o mais simples não quer dizer "o mais fácil". Não devemos agir como aquele homem que, ao perceber que a verdade não cabia no traçado de seu compasso e era muito mais complexa do que a unidade de medida que havia criado para a sua régua, tornou-se um cético fervoroso. Senhores, a verdade não é algo que se apresente "tim-tim-por-tim-tim" – nem sempre $2+2 = 4$. Talvez a vida se tornasse muito mais "preto-no-branco" se a clareza e a distinção reinassem em nossos julgamentos, porém, eu penso, isso não quer dizer que ela seria mais simples e mais divertida. Admitam a escuridão, lidem com ela, e saibam que a mais bela luz nasce do contraste. Senhores, precisamos crescer – temos de perder o medo do escuro, sobretudo se não quisermos ter sonhos terríveis: o bom sono garante a boa vigília.

Muito bem, a partir do parágrafo anterior, eu penso que já posso explicar a razão pela qual dividi esse texto em três partes: trata-se de uma convenção. Era preciso dividir para mostrar a totalidade inerente às partes, então pensei em adotar uma divisão bastante usual e muito difundida pelo senso comum: a infância, a adolescência e a maturidade. Poderiam ter sido quatro ou cinco partes, eu poderia ter dito outras coisas, poderia ter suprimido outras. O importante é frisar o momento em que, olhando para toda a nossa vida, conseguimos estabelecer um vínculo, um fio condutor que perpassa a nossa existência. Esse olhar, como vimos, é e não é um olhar retrospectivo: 1) ele é na medida em que dá conta do passado, nos levando às mais longínquas experiências; 2) ele não é, uma vez que põe nossas vivências passadas diante de nós, tornando-as presentes e indicando o futuro. Quem olha para trás vira estátua e nós temos todo um labirinto para percorrer.

É apenas através dessa concepção de tempo labiríntico que podemos, penso eu, chegar ao fio condutor. O caso, meu bom leitor, é o seguinte: quantas vezes na sua vida você viu um garoto deixar o seu brinquedo de lado e passar a se fazer perguntas como – De onde vim? Onde estou? Para onde vou? Não creio que essa criança exista e caso seus pais lhe ensinem esses questionamentos, isso soaria tão falso quanto Brás Cubas, ainda pequeno, dizendo o nome completo de seus padrinhos. Com os jovens a coisa se complica, normalmente eles sentem de maneira muito forte tais inquietações, mas acabam por não conseguir formular nada satisfatório. Penso que durante toda a nossa vida a pergunta "quem sou eu?" nos persegue, porém é apenas na idade adulta que ela surgirá de modo explícito.

Eu tenho um primo, me dirá uma boa senhora, que desde os oito anos vem estudando os segredos e mistério da existência. Parabéns! Seu primo é um gênio!

Uma verdadeira ilha de sabedoria cercada de ignorância por todos os lados. As exceções estão aí para destruir as regras. Mas como não dar ouvidos a certas regras e generalizações quando nos dispomos a falar de um determinado assunto? Nem mesmo seu primo, cara senhora, poderia escapar disso. Eu havia dito que normalmente chegamos à consciência da questão "quem sou eu?" na idade adulta, não disse que isso deve ser assim. Na realidade, pouco importa o momento em que enfrentaremos essa dúvida, sobretudo se pensarmos que ela sempre esteve conosco e jamais poderá ser satisfatoriamente respondida.

Pois saiba que aquele meu primo, ainda me dirá a mesma senhora, escreveu e publicou um tratado muito interessante sobre esse tema e, de fato, respondeu de modo muito coerente e adequado à dúvida em questão. Um gênio! Um verdadeiro gênio, esse seu primo! Porém, minha boa senhora, permita-me dizer que haverá sempre algo mais a dizer – não se pode esgotar o que continua em movimento e em transformação. No entanto, poderíamos pensar em um fio condutor, uma espécie de sentido de orientação que nos ajudaria a andar nesse labirinto, e que se aperfeiçoaria à medida que caminhamos por ele. Então, talvez fosse possível olharmos para os nossos próprios rostos e dirigir-lhes as seguintes palavras:

Minha Cara Face,

Tanto tempo te carrego, tantas noites e dias me viram contigo e só agora me lembrei de te olhar. Que diferença existe entre nós? Ahhhh! Quanta esquizofrenia! Te vejo todas as manhãs, te saúdo no barbeiro, figuras em minha carteira de identidade, me reconhecem pelos teus traços... Logo eu, que apenas posso te ver por via do espelho, eu, que nunca pude te contemplar a olho nu. Por que tenho de ser o que és?! E o que dizer das inúmeras modificações que ocorreram contigo – tens agora uma cicatriz na testa, tens barba, já tiveste espinhas, lembra-te? Ora, não me entendas mal, não estou aqui reclamando. Foste boa comigo, sempre me disseram os mais belos elogios a teu respeito. Está certo, exagero um pouco, mas garanto que houve alguns elogios. Pois bem, e agora? Agora que nosso cabelo está branco, que nosso corpo não responde prontamente aos nossos chamados. O que somos? Aliás, somos?...

Que fim pode haver para uma tal conversa? Os senhores, por favor, respondam se puderem, eu fico por aqui.